

5

CAPÍTULO

HISTÓRIA DO LIVRO ESCOLAR – GOIAZ: CORAÇÃO DO BRASIL

Ingrid Janini Ramos Oliveira¹

Selma Martines Peres²

Resumo: O presente trabalho contempla os resultados do projeto de pesquisa PIBIC, que tem como objetivo a análise do livro didático *Goiaz: coração do Brasil*, de Ofélia Sócrates Nascimento Monteiro, publicado em 1934, obra que constitui a primeira publicação sobre a história de Goiás em material didático para uso nas escolas primárias no estado. Este estudo fundamenta-se na perspectiva metodológica de análise documental e estudo bibliográfico, que oportuniza

1 Unidade Acadêmica Especial de Educação, Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão, Catalão-GO, Brasil

2 Unidade Acadêmica Especial de Educação, Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão, Catalão-GO, Brasil

E-mail para contato: ingridjani@gmail.com

uma compreensão maior quanto à adoção do livro didático e a realidade das escolas naquele período, considerando-se o contexto, o momento histórico e o governo em exercício. Neste texto são apresentados alguns estudos sobre a história do livro e do livro didático, além de dados da autora Ofélia Sócrates, bem como uma breve introdução para se chegar ao foco principal, que é o estudo do livro em si. Neste livro percebemos o caráter de patriotismo e modelos de bom aluno/filho e professor alicerçados nos valores da época, pois os bons cidadãos contribuiriam para o avanço do estado. Por fim, observamos que a organização do livro apresenta de forma cronológica a transição que ocorrera em Goiás no período do Brasil Colônia, Império e República até 1930.

Palavras-chave: livro didático; *Goiáz: coração do Brasil*; história do livro.

Abstract: This paper presents results of PIBIC research project which aims to analyze the textbook “Goiáz Heart of Brazil”, the Ofélia Socrates Nascimento Monteiro author, published in 1934. This work was the first publication on the history of Goiás as educational materials for use in primary schools in the state. This study is based on the methodological perspective of document analysis and bibliographical study, which provides an opportunity greater understanding on the adoption of the textbook and the reality of schools that period, taking into account the context, historical moment that was lived in, the incumbent government. In this paper we present some studies about the history of the book and textbook, the Ophelia Socrates author data, and a brief introduction to reach the main focus is the study of the book “Goiáz Heart of Brazil”. Book in which we perceive the character of patriotism, models good student / child and teacher, based on the values of time, for being good citizens, contribute to the state of advancement. Finally, we observed that the organization of the book presents chronologically the transition that occurred in Goiás, and, Colony, Empire, Republic until 1930.

Keywords: textbook; Goiás, the heart of Brazil; history of the book.

1 INTRODUÇÃO

Pensar a leitura a partir dos materiais didáticos, em especial do próprio livro de leitura, pode contribuir para a compreensão das práticas de professores e alunos das escolas primárias nas primeiras décadas do século XX. Nestes termos, este artigo apresenta resultados de pesquisa do *Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (PIBIC/FAPEG)*, que tem como objetivo a análise do livro *Goiáz: coração do Brasil*, de Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro. Este material, publicado em 1934, foi o primeiro livro de caráter didático a trabalhar a história de Goiás nas instituições primárias.

Para desenvolver este estudo, o fundamento teórico metodológico adotado pautou-se na pesquisa documental, pois, segundo Cellard (2010), a partir do estudo de documentos é possível acrescentar à dimensão do tempo a compreensão do social, tendo as seguintes análises: o contexto, o autor ou os autores, a autenticidade e a confiabilidade do texto e a natureza do texto.

Pesquisar sobre a história de um livro – neste caso, *Goiás: coração do Brasil* – exige primeiramente o exercício de se pensar sobre a história do livro. Assim, apresentamos de modo breve o percurso acerca da história do livro para compreender seu processo de desenvolvimento, desde as tábuas de argila, passando pela invenção de Gutenberg e chegando às inovações tecnológicas da atualidade.

Outro aspecto significativo é pensar especificamente sobre a história do livro didático, haja vista que o livro de Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro consiste em obra de referência didática. Nestes termos, o livro didático como material para o auxílio do professor tem sido objeto de estudo de vários pesquisadores, que reconhecem sua importância para investigar o contexto histórico em que a obra foi utilizada, os conteúdos trabalhados, a metodologia indicada e muitos outros assuntos que podem ser abordados, constituindo um riquíssimo material de estudos.

Assim, o presente texto está organizado de modo a apresentar elementos que fazem parte da história do livro, seguidos de breve caracterização do livro didático, dados da biografia de Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro e da obra *Goiás: coração do Brasil*. Por fim, realizamos uma reflexão deste que foi o primeiro livro didático de História adotado em Goiás.

2 LIVRO: ASPECTOS HISTÓRICOS

A história do livro segue as transformações sócio-históricas e socioculturais. Desde a antiguidade até os dias atuais, o que se pode observar são os diferentes suportes para o registro da escrita, como, por exemplo, as tábuas de argila usadas na Mesopotâmia, o papiro, o pergaminho, tecidos, cerâmicas, folhas de palmeiras e, ainda, o manuscrito impresso e digital (BELO, 2002). Ao estudar a história do livro, é possível detectar alguns marcos que contribuíram para mudanças significativas em sua cadeia produtiva, como a invenção da prensa por Gutenberg.

A partir dessa invenção, destaca-se a possibilidade de produzir um número maior de livros em um tempo menor, ocasionando uma grande expansão em relação à produção livresca, caracterizada por Chartier (1999) como uma “cultura do impresso”. No entanto, o autor esclarece que muito antes da descoberta da prensa por Gutenberg, no Oriente, especificamente na China e no Japão, já existia um tipo móvel que não era usado de forma ampla, sendo limitado a trabalhos religiosos, textos oficiais e livros escolares.

Os livros carregam características e histórias que apresentam indícios do contexto no qual se inserem, para além do que está escrito neles. Nestes termos, é possível notar na capa, no miolo, nas fontes e no próprio texto as mudanças ao longo do tempo, apropriando-se das novas tecnologias, respeitando os acordos ortográficos vigentes, dentre outros. Observa-se, assim, os processos relativos à editoração, à produção e à distribuição dos livros. Deste modo, quando se pensa sobre a história do livro, é preciso levar em conta toda a sua cadeia produtiva.

Outra forma de perceber o livro é tomá-lo como uma mercadoria, segundo Belo (2002, p. 44): “O livro impresso, além de ser um meio de divulgação de textos e imagens, é também visto como uma mercadoria com a qual se envolvem novas categorias de atores sociais, desde humildes trabalhadores artesanais até grandes comerciantes internacionais”.

Diante da expansão do mercado editorial e das novas possibilidades de produção do livro, ampliam-se também a veiculação de gêneros textuais atendendo aos vários gostos e à diversidade de leitores, contando com livros para as crianças pequenas planejados pedagogicamente, livros para adolescentes e adultos, com os mais variados temas, do entretenimento aos livros técnicos.

Chartier (1999) discute ser possível perceber, no decorrer do processo histórico da leitura, três revoluções: a primeira ressalta o deslocamento da leitura oral para a silenciosa (individual); a segunda envolve a ampliação de grupos de leitores, como mulheres e crianças, e a abertura para novos gêneros textuais; e a última diz respeito às novas tecnologias e à leitura no suporte eletrônico. Desse modo, a história do livro também está entrelaçada pela história da leitura, haja vista que a constituição de novas práticas e leitores está inserida num processo social, histórico e cultural.

No que diz respeito às novas tecnologias, não podemos deixar de citar a inquietação em relação ao futuro do livro, no temor de que se torne algo obsoleto. O que antes existia no formato impresso, hoje pode ser acessado em smartphones, computadores e *e-readers*, o que garante facilidade de transporte, uma vez que é possível carregar vários exemplares em um só aparelho, deixando de lado os livros físicos (BELO, 2002).

Conforme aponta o autor sobre o desaparecimento do livro físico, tal realidade parece muito distante, pois há diversos tipos de leitores – os que não apreciam o suporte digital e os que não abrem mão do livro impresso – que apreciam página por página. De qualquer forma, as análises acerca da revolução do livro e da leitura que têm como foco o suporte impresso e o digital ainda são muito incipientes, observando-se a coexistência de livros digitais e impressos em nossa sociedade.

3 LIVRO DIDÁTICO: HISTÓRIA E CARACTERIZAÇÃO

Retomando a história do livro didático, antes da existência da prensa, os livros eram escritos à mão e, por isso, não era possível a utilização de livros específicos nas escolas; mas a produção em larga escala facilitou a adoção desse material pelas escolas e seu conseqüente ingresso no ambiente escolar. (GATTI JR., 2004)

Estudando o livro didático e todo o seu percurso até a atualidade, podemos enfatizar vários momentos históricos em que este recurso pedagógico contribuiu para o desenvolvimento e/ou fortalecimento de ideologias, regimes democráticos, valores morais, sociais e religiosos. Segundo Munakata (2012), analisar a produção do livro didático possibilita observar os múltiplos sujeitos envolvidos: autores, editores, ilustradores, revisores, divulgadores, consultores, leitores e tantos outros. De modo geral, quando refletimos sobre o desenvolvimento do livro didático, faz-se necessário observar o contexto em que este foi produzido, como o período da ditadura, por exemplo – os livros didáticos da época traziam características próprias do momento vivido, expressos nas capas, figuras de soldados no decorrer do livro, os textos exaltando a ordem e a disciplina etc.

No Brasil, até os anos de 1920 circulavam basicamente livros editados e impressos no exterior, e o acesso a esse material era restrito, sendo destinado somente às classes mais elitizadas. Contudo, a partir da década de 1930, autores brasileiros começaram a ganhar espaço no cenário nacional, embora os manuais escolares fossem, ainda, muito utilizados. A esse respeito, Gatti Jr. (2004, p. 37) afirma que:

O período compreendido entre as décadas de 1930 e 1960 caracterizou-se, no que diz respeito aos manuais escolares, da seguinte forma: foram livros que permaneceram por longo período no mercado sem sofrerem grandes alterações; livros que possuíam autores provenientes de lugares tidos, naquela época, como de alta cultura, como o Colégio D. Pedro II; livros publicados por poucas editoras que, muitas vezes, não os tinham como mercadoria principal e, por fim, livros que não apresentavam um processo de didatização e adaptação de linguagem consoante às faixas etárias às quais se destinavam.

Contudo, na década de 1960, observa-se a transição dos manuais para os livros didáticos, com maior atenção à realidade das escolas que, naquele momento, passavam por um contexto peculiar de expansão. Assim, o livro didático se torna um instrumento fundamental de educação, tendo papel central no universo escolar e nos planos dos governantes, especialmente no período da ditadura militar (GATTI JR., 2004).

4 “GOIAZ: CORAÇÃO DO BRASIL” – AUTORA E OBRA

Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro nasceu em 1900, no Rio de Janeiro, mas, desde a infância, tinha um vínculo com Goiás. Assim, após formar-se na Escola Normal de São Paulo em 1918, muda-se para Goiás em 1922, onde se torna professora do Grupo Escolar da Capital, assumindo a diretoria dessa escola em 1925 (RIBEIRO, 2011).

Nesse período, destaca-se a influência das classes dominantes que dirigiam o estado, no qual a autora permaneceu durante a transição para o governo pós-1930. Segundo Ribeiro, Ofélia Monteiro foi peça fundamental para a educação em Goiás, produzindo o primeiro livro didático que trabalhava a história do estado nas escolas primárias, sendo também referência na formação de professores da época e, ainda, um exemplo de professora aos seus alunos e colegas.

Nessa perspectiva, Medeiros (2011), afirma que a intenção de Ofélia Monteiro com o material didático era apresentar a história de Goiás de modo a promover as qualidades do estado e de seu povo, partilhando, assim, as ideias de “Nova República” e da promoção geral da ideia de nação e de civilização. Para ele, nessa obra a autora exalta o estado de Goiás, apresentando uma coleção de imagens de sonhos e paisagens seguida por prosas, representando as potenciais riquezas do Brasil Central. Destaca-se, também, o universo simbólico do estado, como o hino, o brasão, as personalidades, as letras e a instrução, culminando com a inserção de Goiás no conceito da nação, através da Revolução de 1930.

A autora também publicou as seguintes obras: *A escola moderna* (1925); *Como Nasceu Goiânia* (1938); *Corografia de Goiás* (1942); *Caldas Novas: Estância Hidrotermal do Estado de Goiás* (1942); *A Educação Primária Fundamental nas Zonas de Alto Sertão* (1942); *História de São José de Mossamedes* (1951); *Rio, Querido Rio! – História do Rio para crianças* (1967); *Reminiscência, Goiás de Antanho* (1974); e *Brasília, Rainha do Planalto* (1975). Podemos notar, então, a grande influência de Ofélia Monteiro no estado de Goiás.

5 GOIAZ: CORAÇÃO DO BRASIL

O livro *Goiaz: coração do Brasil* foi adotado nas escolas do ensino primário no estado de Goiás a partir do Decreto nº 4349, de 26 de fevereiro de 1934 (MONTEIRO, 1934, p. 3). Na folha de rosto, a autora afirma se tratar de um livro de leitura específico para as classes de 3º e 4º anos dos Grupos Escolares do estado de Goiás.

O livro apresenta diversos gêneros textuais, desde cartas, diálogos e narrativas, como poemas, cantigas, o hino de Goiás e outros textos de informação, além de um tópico sobre curiosidades, em que são apresentadas, de modo breve, treze

curiosidades sobre o estado de Goiás. Tais gêneros contemplam 73 temas, em um total de 197 páginas.

A obra dispõe, ainda, de 29 ilustrações. Do ponto de vista do projeto gráfico editorial, a obra é bem estruturada, mesmo que não disponha de sumário. Observa-se que não há atividades a serem desenvolvidas pelos alunos, sendo, portanto, um livro específico de leitura.

Segundo Batista e Galvão (2009), até meados do século XIX, os livros destinados à leitura eram basicamente inexistentes. Mas, a partir de 1870, começa-se a produzir livros escolares de leitura, tendo os seguintes modelos: religioso, leitura manuscrita, instrutivo, formativo, retórico-literário e autônomo (BATISTA; GALVÃO, 2009). Algo fortemente presente no livro de Ofélia Monteiro é o caráter patriótico, inserindo-se no modelo formativo, conforme explicitam os autores:

Os livros marcadamente voltados para a transmissão de valores e atentos a características de um público pensado como detentor de especificidades – o infantil – revelam um quarto modelo de livro de leitura. Trata-se do modelo formativo, organizado em torno da busca de transmissão não de conteúdos enciclopédicos, mas, fundamentalmente, de valores (BATISTA; GALVÃO, 2009, p. 94).

No início do livro, a autora justifica a relevância de sua produção, tendo em vista que o foco não era fazer um livro literário, mas um suporte que os professores goianos teriam para trabalhar a história do estado nas escolas, pois Ofélia Monteiro percebia as dificuldades que em relação a esse conteúdo. Goiás, naquele momento, passava por um processo de crescimento, pois antes mesmo de ser tido como parte da nação, seria necessário instruir seu povo, o que começava nas escolas. Nepomuceno (s/d, p.2) afirma que, nesse momento, o Estado assumiu essa tarefa, “atribuindo à educação o papel de correção das desigualdades sociais e de construção de uma sociedade aberta: uma educação pública que reclassificasse os indivíduos de diferentes origens sociais, conforme seus talentos inatos, seria capaz de cumpri-la.”

Percebe-se que havia uma necessidade de correção por meio da educação, sendo necessário reparar as desigualdades, visando, assim, contribuir para o avanço que acontecia no estado de Goiás.

Ofélia Monteiro apresenta logo nas primeiras páginas um pedido de desculpas por reconhecer possíveis erros no livro: “São inúmeras as falhas que nele se notam, principalmente no que se refere aos municípios e cidades goianas, devido, em parte, à minha inexperiência e à falta de dados mais completos” (MONTEIRO, 1934, p. 5).

Podemos compreender essa colocação da autora a partir de diferentes perspectivas. Uma delas, conforme a própria autora, vincula-se à sua “inexperiência”,

ou seja, seu olhar em relação a isso pode estar comprometido por não ter nascido em Goiás, e/ou sua inexperiência estaria associada ao fato de ser o primeiro livro organizado pela autora com esse teor. Nesse sentido, notamos a grande ousadia da autora em se apropriar da história de Goiás, produzindo um livro destinado às escolas daquele estado naquele período. Outra possibilidade para tal justificativa de possíveis falhas – e, para nós, mais contundente – refere-se à falta de dados. Se nos voltarmos para o período em questão, obter informações organizadas e específicas sobre todas as cidades do estado era algo efetivamente difícil.

A estratégia encontrada pela autora para corrigir as possíveis falhas das informações contidas na obra reside no pedido feito aos leitores, solicitando-lhes que enviassem dados mais precisos sobre o município em que moravam e que apontassem as incorreções encontradas. Por fim, a autora apresenta obras das quais se utilizou para produzir o seu livro, legitimando o conteúdo veiculado, a saber: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*; *Viagem ao Araguaia*, de José Vieira Couto de Magalhães; *Anuário de Goiaz* de Ferreira de Azevedo; *Geografia de Goiaz*, de Alcides Jubé; relatórios de diversos presidentes de Goiaz, antigas coleções de jornais goianos, *História de Goiaz* de A. do Brasil e *Goiaz* de Taunay (MONTEIRO, 1934, p. 5).

O primeiro texto presente no livro se inicia em formato de carta, onde Iná apresenta à sua prima, Luci, a cidade de Goiás, a partir da escrita epistolar e de forma clara e com riqueza em detalhes, fazendo com que o leitor seja capaz de imaginar a cidade. Um aspecto que merece atenção refere-se ao fato de aparecer o avanço de Goiás em relação à iluminação elétrica que não se tinha até poucos anos antes.

Ao ver-me no meio da ruidosa animação do jardim, em uma noite de domingo, custava-me crêr que essa Goiaz, que agora se desenrolava ante meus olhos deslumbrados, era a mesma que, alguns anos antes, eu conhecera tão calma, tão morta e tão escura, às noites, devido à escassez dos lampiões de querosene, então único modo de iluminação da cidade. (MONTEIRO, 1934, p. 9).

Assim, a carta intitulada “A cidade de Goiaz” tem o papel de apresentar a cidade para o público-leitor, no caso, os alunos. Dessa forma, a antiga capital é descrita em suas características geográficas e urbanas antes mesmo de ser abordada sua história, mostrando ao leitor que Goiás não era mais um lugar esquecido no passado, sequer dotado de iluminação, mas que, além de sua beleza natural exuberante, avançava e crescia.

As dez cartas, divididas aleatoriamente no livro, possuem uma sequência correlacionada e abordam as modinhas goianas, as cantigas, os poemas, a literatura goiana e, ainda, as escolas. As cartas são apresentadas de forma bem

explicada e com uma linguagem de fácil compreensão, despertando a curiosidade do leitor para o conteúdo das próximas cartas.

Nota-se que, com exceção da primeira carta, as demais são respostas de perguntas feitas pela receptora, desenrolando-se através de uma narrativa em que Iná procura conhecer melhor e esclarecer as dúvidas de sua prima, alguém que possivelmente está em outro estado. As cartas têm a função de exaltar Goiás, principalmente, a partir de sua dimensão cultural, haja vista que trata das cantigas regionais, dos compositores e poetas goianos, e do ensino em Goiás naquele período.

O texto epistolar está presente também em “De Goiás a S. Paulo”. Este está dividido em quatro partes, nas datas de 4, 5 e 8 de fevereiro de 1926, onde Lelia conta a Jurema sua viagem de Goiás à São Paulo, dando detalhes dos acontecimentos e dos lugares por onde passava. Em todas as partes da carta, o que se observa é a defesa do avanço de Goiás (crescimento que contou com a estrada de ferro para a fundação de várias cidades, como é o caso de Vianópolis), conforme pode ser observado no seguinte trecho: “Eis-me enfim em Vianópolis, término da viagem de automóvel. Se aqui viesse, você ficaria surpreendida de ver o tamanho do progresso desta povoação que, em abril de 1924, quando por aqui passei, ainda não existia” (MONTEIRO, 1934, p. 158).

Para Batista e Galvão (2009), uma das características de um livro de leitura é a narrativa. “Foram consideradas narrativas as obras que, em maior ou menor grau, desenvolvem-se com base em um esquema narrativo (apresentam sequências de acontecimentos), estruturado em torno de uma natureza ficcional” (BATISTA; GALVÃO, 2009, p. 88). Podemos notar que Ofélia Monteiro utilizou esse meio para apresentar boa parte de seus textos, narrando acontecimentos como o cotidiano dos alunos, tanto na escola quanto em suas casas. Observa-se que a autora utiliza-se da carta, principal veículo de comunicação adotado pelas famílias da época, para descrever e reforçar a exaltação das belezas e riquezas de Goiás.

“26 de Julho” (MONTEIRO, 1934, p. XX), segundo texto do livro, narra um acontecimento em que as alunas do 4º ano estão reunidas para comemorar o aniversário da fundação da cidade de Goiás. Após cantarem o Hino Anhanguera, a professora toma a palavra e fala sobre a história de Goiás, seu surgimento e a passagem dos primeiros bandeirantes por aquelas terras. Após encerrar sua fala, todos cantam juntos o Hino Nacional.

A continuidade é feita no texto “Primeiras povoações de Goiás”, no qual a professora do 3º ano afirma: “No dia 26 de Julho vocês ouviram D. Maria falar sobre Goiás e seu descobrimento; hoje lhes quero dizer quais as primeiras povoações fundadas em nossa terra” (MONTEIRO, 1934, p. 39). Vemos aqui o papel do professor no que diz respeito a transmitir o saber, especificamente a

história de Goiás e a reverência à pátria. Ambos os textos tratam da história goiana, destacando datas, acontecimentos e personalidades da cidade e do estado. É possível perceber, a partir da leitura dos trechos destacados, a preocupação com a formação do leitor assentada nos ideais de modernidade e a exaltação das terras goianas. Observa-se, também, alguns dos fundamentos de uma leitura formativa, como afirmam Batista e Galvão (2009), pois os textos estão voltados para transmissão de valores.

“Passeando pelos arredores” é uma narrativa apresentada quatro vezes no livro e pautada no “Diário de Maria”, personagem que relata os passeios que fez com seu tio e irmãos, trazendo os detalhes dos lugares por onde passavam e as belezas exuberantes da natureza de Goiás. A partir de sua escrita, podemos inferir aspectos presentes no texto como o modelo de aluno. Em “Passeando pelo arredores I”, a autora sinaliza para os comportamentos esperados de um bom aluno:

- Então meninada, com uma manhã tão bonita assim, vocês não têm vontade de passear? E se fossemos até o Carioca?
- Bela ideia, titio! Apoiou José.
- Mas... e a minha lição, que deixei para fazer hoje? Disse Silva que, como boa aluna, preferia perder um passeio a não saber a lição (MONTEIRO, 1934, p. 18).

Em um momento de “Passeando pelos arredores II”, o tio propõe a seus sobrinhos fazerem uma composição sobre o passeio até o Areião, e vemos o destaque de Silvia por ser uma aluna exemplar:

Alguns tempos depois, José e Silvia trouxeram seus papéis. Titio e eu os lemos e depois de te-los corrigido, resolvemos que o prêmio seria de Silvia, pois a sua composição, além de melhor, estava feita com mais capricho. José zangou-se, protestando que era mais moço e faria mesmo pior. Mas titio interrompeu-o, dizendo: - Não, José, não é por isso. É porque, em lugar de estudares, como Silvia, preferes correr e trepar em árvores a tirar ninhos (MONTEIRO, 1934, p. 41).

Nos dois parágrafos citados, percebemos o destaque de Silvia por sua conduta enquanto aluna exemplar, com muito zelo e sempre priorizando os estudos. Sempre que a personagem Silvia aparece na narrativa, o que se percebe é a ênfase dada a seus comportamentos, suas escolhas, sua conduta e o reconhecimento obtido por seu desempenho escolar, reforçando, assim, que esse é o modelo a ser seguido pelos estudantes goianos, conforme pode ser observado em “O Araguaia”: “– Bravo, Silvia! Vejo que aproveitas bem as lições de tuas professoras. Continue sempre assim, maninha, para seres um dia útil ao nosso Goiaz, contribuindo para expulsar as trevas da ignorância, que escurecem a inteligência de grande parte de seus habitantes” (MONTEIRO, 1934, p. 55).

A postura de como deve ser o(a) aluno(a) indica o que se almejava para Goiás. Naquele momento, o estado buscava romper com o atraso e a pouca visibilidade perante a nação e, para isso, precisaria de alunos(as) patriotas e preocupados(as) com o desenvolvimento e crescimento do estado, o que Goiás experimentava a partir de diferentes frentes: educação, economia, transporte e comunicação (construção de estradas e ferrovias) e o surgimento de novas cidades.

Eunice é outra personagem bastante presente em diversas histórias do livro, uma aluna excelente do 3º ano do Grupo Escolar da Capital. Ela ganha o prêmio de melhor prova de História de Goiás com o texto “Uma heroína goiana”, que trata da vida da índia Damiana. Em outros textos temos diálogos entre Eunice e seu pai, onde ele conta à sua filha histórias sobre o rio Araguaia a partir do livro “Viagem ao Araguaia”, do Dr. Couto Magalhães. Observa-se aqui que Ofélia Monteiro remete à fonte consultada para contar a história sobre o rio.

Eunice, além de ser uma aluna exemplar, era também uma ótima filha, contando com seu pai para aprofundar seus conhecimentos, fazendo-lhe perguntas e tirando suas dúvidas. No final do texto “Navegação do Araguaia”, Eunice afirma a seu pai: “Como recompensa pelo que o senhor me acaba de ensinar, procurarei, na próxima sabatina, tirar o primeiro lugar e ganhar o prêmio” (MONTEIRO, 1934, p.191).

O texto “Caderninho de Eunice” aparece oito vezes no livro. “Encorajada pelo prêmio recebido, resolveu fazer um caderno com todos os pontos da história goiana que conhecia. Nesse dia, como era feriado, não havia aula; para aproveitar o tempo, tomou seu caderninho” (MONTEIRO, 1934, p. 60). Esse “caderninho” contempla um conjunto de textos de informação, onde Eunice apresenta cronologicamente os governadores de Goiás, seu descobrimento e elevação à capitania; da elevação à capitania até a independência; governadores de Goiás no Império; e governadores e presidentes de Goiás no Regime Republicano.

A personagem Eunice, assim como Silvia, nos chama a atenção por seu comportamento adequado e exemplar, conquistando prêmios nas atividades realizadas, registrando seus conhecimentos em caderninhos, aproveitando as horas vagas para o estudo, e não para o descanso e/ou lazer. Acima de tudo, trata-se de alguém que amava as histórias sobre Goiás. Podemos inferir, mais uma vez, o modelo de aluno(a) e o caráter formativo da educação contidos no livro *Goiás: coração do Brasil*. Eunice e Silvia não são apenas modelos de estudantes a serem seguidos, mas, também, a imagem do(a) cidadão(ã) a ser imitado(a).

Ainda, observam-se no livro quatro provas premiadas pelos professores como melhores da turma, ou seja, em que os alunos que se saíram melhor nas provas eram chamados à frente da sala para receber um prêmio e ler em voz alta o seu texto: na “Sabatina de Geografia”, tem-se a aluna Aldaira, que elaborou a melhor prova com o tema “Rios de Goiás”, sorteado em sala pela professora

do 3º ano do Grupo Escolar; “Uma Heroína Goiana” foi escrito por Eunice; na “Sabatina de Geografia II”, uma das alunas conquistou o prêmio com a prova intitulada “Ilhas de Goiaz”; e Valdice conquistou o prêmio de melhor prova com o texto “República Nova”.

Premiar o aluno por se sair bem na prova, além de ser um reforço positivo, tinha a intenção de que os demais alunos se esforçassem na busca por melhores resultados nas próximas avaliações. Dessa forma, partia-se do pressuposto de que a premiação seria uma motivação para que o próprio leitor, alunos de 3º e 4º anos, assumissem uma postura de responsabilidade e compromisso quanto aos estudos e os saberes de seu estado. Não fica explícita no livro a competitividade e frustração que a disputa poderia gerar nos(as) alunos(as). A ênfase recai apenas na possibilidade e no compromisso dos alunos em serem os melhores.

Em “Brincando de Prendas”, uma história dividida em duas partes retrata um momento de lazer em que as alunas do 4º ano estão reunidas no pátio da Igreja Santa Barbara. A professora propõe uma brincadeira, dividindo as alunas em dois grupos, nos quais um era de viajantes e outro de cidades goianas. As viajantes se retiravam para que as demais escolhessem quais cidades seriam. Ao retornar, as viajantes teriam que adivinhar que cidade era cada uma, tendo como pistas as histórias que as alunas contavam. Aqueles que perdessem pagariam uma prenda, conforme pode ser observado em: “Suas alunas estão bem adiantadas, Maria – disse a professora do 2º ano, que assistia ao brinquedo. Por enquanto só duas pagaram prenda. – Mas poderiam estar melhores, nem uma deveria pagar prenda” (MONTEIRO, 1934, p. 101).

Nota-se que a professora promove a aprendizagem, inclusive por meio de brincadeiras, fazendo com que as alunas aprimorassem seus conhecimentos. A intencionalidade em transmitir os conteúdos sobre Goiás se apresenta em diferentes gêneros textuais e no viés pedagógico. Observa-se que a partir do livro de Ofélia Monteiro, evidenciam-se diferentes práticas pedagógicas para o ensino da história goiana: premiação, brincadeiras, escrita epistolar etc, o que mostra que a obra poderia atender não só aos alunos, mas também aos professores.

O tema “Principais fontes de riqueza” está dividido em seis textos, organizados da seguinte maneira: em “Gado vacuum”, tem-se um diálogo entre Iraní e sua mãe, no qual a filha, lendo um livro atentamente, indaga à mãe o que significava “gado vacuum”. Toda a história se desenvolve com a mãe explicando esse significado para a filha, ressaltando a riqueza que é gerada em Goiás com a criação de gado – uma das maiores fontes de renda naquele período.

“Cana de açúcar” é um texto em que Eunice conta sobre suas férias em Sobradinho. Encantada e curiosa com a plantação de cana, busca informações sobre o açúcar, e a história se desenvolve com o pai mostrando para Eunice o

processo de produção do açúcar. Reafirma-se aqui, novamente, o perfil da filha e aluna exemplares, e, ainda, a busca por um conhecimento maior sobre tudo o que se relaciona ao estado de Goiás, bem como sobre as fontes de riqueza.

“Fumo” é uma história fictícia na qual o Tio Miguel conta a Sílvia e seus irmãos sobre o surgimento do fumo, sua plantação, sua história, sua extração e utilização, ressaltando que o estado de Goiás dispunha das melhores plantações de fumo do país, sendo esta outra fonte de riqueza do estado.

“História de um grão – Café” é uma bela história, dividida em três partes, onde um grão conta todo seu desenvolvimento enquanto semente de café, do momento em que é plantado até o período de ser colhido. O texto é encerrado com a seguinte narrativa:

Mas nós não maldizemos nossa sorte. Apesar de vermos que nossos filhos são sacrificados, consolamo-nos ao saber que somos úteis ao nosso Brasil, do qual constituímos uma das maiores riquezas. Nossos filhos morreram? É por amor à Pátria, como morrem os moços no campo de batalha... Sem remorso, portanto, entregamos nossos filhos aos sacrifícios, certos de que assim concorreremos com o nosso quinhão para o engrandecimento da Pátria Brasileira. Caros meninos. Contando-lhes minha história tinha em mente mostrar-lhes que nós, pequeníssimos grãos, trabalhamos pelo engrandecimento da Pátria, e concita-los a estudar com afinco para que, mais tarde, sejam homens dignos do nome de – BRASILEIROS (MONTEIRO, 1934, p. 142).

A partir da citação acima, podemos perceber o afinco na veiculação da mensagem de patriotismo, isto é, o papel de um bom aluno, que tem nos estudos o seu futuro e, para além disso, sua construção enquanto cidadão digno de honrar sua pátria. Naquele período, Goiás buscava ter um olhar longínquo, no qual havia uma busca por crescimento e reconhecimento diante da nação, e essa busca teria que ser contínua.

Por sua vez, “Goianos ilustres” são textos nos quais conta-se a história de pessoas que honraram a pátria, pessoas ilustres que nasceram no estado de Goiás e se destacaram através do estudo ou servindo ao exército. Ao todo são nove textos com essa temática.

No livro, também estão presentes biografias de Manuel Corrêa, Manoel Rodrigues Tomaz, e Caetano Maria Lopes Gama.

No livro encontram-se poemas, “O pirata” e “Ei-lo Prostrado”, de Felix de Bulhões; “Em Convalescença”, de Ricardo Paranhos; “Jaraguá”, “Saudação a Jaraguá” e “Nenia”, de Augusto Rios; “Bom dia” de Rodolfo Marques. “O Hino de Goiás”, escrito por Prof. Antônio Eusébio de Abreu; “Hino a Goiás”, música do Hino da República, escrito por Luiz Couto; “Armas e Bandeiras de Goiás”, que explica detalhadamente os significados dos símbolos, das armas e das cores contidos na bandeira de Goiás.

O último texto do livro é “República Nova”, no qual se lê: “Extremamente comovida lia Valdice, estudiosa aluna do Grupo Escolar, a prova com que conquistara o prêmio oferecido pela diretora à aluna que melhor escrevesse sobre a ‘República Nova’” (MONTEIRO, 1934, p. 195).

Por fim, vale destacar que, naquele momento, o estado de Goiás iniciava um novo período, reflexo do crescimento da busca pelo reconhecimento da nação. Nesse movimento, a notícia da mudança da Capital para Goiânia, que seria construída com os requisitos de uma cidade moderna, anunciava o avanço tão desejado do estado de Goiás.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo documental do livro de Ofélia Sócrates do Nascimento Monteiro, obra publicada em 1934 sobre a história de Goiás como material didático destinado às escolas primárias em todo o estado de Goiás – a primeira publicação do gênero –, possibilitou uma compreensão maior quanto ao seu contexto de publicação, neste caso, anos 1934-1940. Conforme demonstrado no conteúdo dos textos, Goiás almejava um crescimento e reconhecimento enquanto estado junto à nação brasileira.

A publicação desse livro de leitura realça a visão de um estado com olhar para o futuro, exaltando suas riquezas naturais e conquistas urbanas, como a luz elétrica e a construção de estradas e ferrovias.

O patriotismo, muito presente na obra, remete à imagem de um cidadão que ama e honra seu estado, e que oferece a vida para lutar por sua pátria. A obra de Ofélia Monteiro preocupava-se com o destino dos goianos e instigava as crianças a se posicionarem como bons alunos(as), estudando para auxiliar e honrar o estado e contribuindo, assim, com seu avanço, visto que os(as) estudantes eram o futuro do estado e da nação.

O livro também possibilita a compreensão, de forma cronológica, da transição de governo ocorrida em Goiás como Colônia, Império e República até 1930. Importante ressaltar que, no momento em que o livro de Ofélia Monteiro foi publicado, já havia sido decretada a construção de Goiânia (datada de 1932). Diante dessa situação, havia o temor de que a cidade de Goiás perdesse seu *status* enquanto capital, podendo cair no esquecimento. Dessa forma, a obra da autora cumpre o papel de propagar e exaltar as belezas, riquezas e personalidades da antiga capital.

Por fim, “Goiaz: coração do Brasil”, obra que nos permite perceber os indícios de um povo e de sua história num dado recorte temporal, a partir de seu projeto gráfico editorial, de seu conteúdo e dos gêneros textuais adotado pela autora,

nos mostra o entrelaçamento existente entre autor, editor e leitor, levando-se em consideração o contexto em que a obra é produzida. Assim, este livro potencializa a percepção dos valores da sociedade contidos nos textos, partindo de uma perspectiva de educação daquele período, do governo em exercício, da realidade e dos conflitos vividos no momento, a partir da ótica da autora. Ofélia Monteiro, uma mulher influente na educação goiana, retrata a história de Goiás a partir da exaltação do estado e da conclamação das crianças enquanto cidadãos responsáveis pela pátria.

REFERÊNCIAS

- BATISTA, A. A. G.; GALVÃO, A. M. de O. **Livros escolares de leitura no Brasil: elementos para uma história**. Campinas: Mercado das Letras, 2009.
- BELO, A. **História & livro e leitura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- CELLARD, A. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Tradução de Ana Cristina Nasser. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- CHARTIER, R. As revoluções da leitura no Ocidente. In: ABREU, M. (org.) **Leitura, História e História da leitura**. Campinas: Mercado das Letras; ALB, 1999.
- GATTI JR., D. **A escrita escolar da História: livro didático e ensino no Brasil (1970 – 1990)**. Bauru: Edusc, 2004.
- MEDEIROS, W. A. Publicações Oficiais em Goiás (anos de 1930): imagem como estrutura e bricolagem. XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. **Anais...** São Paulo, jul. 2011.
- MONTEIRO, O. S. do N. **Goiás: coração do Brasil**. 1934.
- MUNAKATA, K. O livro didático: alguns temas de pesquisa. **Revista Brasileira de História da Educação**. Campinas, v. 12, n. 3 (30), p. 179-197, set./dez. 2012.
- NEPOMUCENO, M. de A. **A política educacional do governo de Goiás: 1930-1945**. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/102_maria_araujo.pdf>. Acesso em: 27 ago. 2015.
- RIBEIRO, M. B. A. **Cultura histórica e História ensinada em Goiás (1846-1934)**. 2011. 351 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História, 2011.

